

A hooded figure, possibly a terrorist or a person in a dark costume, is the central focus. The figure is wearing a dark hood and a mask that covers the lower half of their face. They are surrounded by intense orange and yellow flames, suggesting a scene of destruction or a fire. The lighting is dramatic, with the fire providing the primary light source, casting shadows on the figure's clothing.

MATHEUS PRADO

**ONDAS DA
DESTRUIÇÃO**

www.mundolendario.com.br

ONDAS DA DESTRUIÇÃO

LIVRO UM

MATHEUS PRADO
2023

Prólogo

O BRUXO CONFERIU UMA ÚLTIMA VEZ todos os ingredientes dentro da mochila. A noite persistia com seu frio implacável, mas a lua cheia inundava de luz o céu de prata, mantendo as ruas claras. Ele desceu do carro, conferiu o horário e sentiu a brisa gelada no rosto. Terra da Garoa, era como os antigos chamavam aquele lugar.

A calma era tão profunda que gritava. As famílias dormiam, embaladas pela segurança que só um elfo conhece. O bruxo queria incendiar aquelas casas e seus jardins floridos, mas havia ordens e prioridades. Os soldados já estavam esperando, posicionados e prontos para o ataque.

— Tudo certo, pessoal – ele disse, conferindo o horário mais uma vez. – Vai ser como no treinamento e eu não quero erros. Eu abro o portal e vocês entram. Sigam direto para a casa. Se a informação estiver correta, o artefato deve estar no terceiro andar. Entendido?

— Sim, senhor – os soldados responderam, em uníssono.

— O primeiro que encontrar deve me avisar pelo rádio imediatamente. O ponto de encontro será onde o artefato estiver. Quem não chegar em 20 segundos, será deixado para trás. Entendido?

— Sim, senhor – os sete soldados assentiram. Eles sabiam dos riscos e concordaram com eles quando decidiram participar do rigoroso treinamento coordenado pelo bruxo em Forte-ferro. Todos sabiam do que eram capazes, mas também sabiam quem estavam prestes a enfrentar.

— E sejam furtivos, pelo amor de Deus. Não queremos que todas as fadinhas encantadas soltem seus cachorros atrás de nós. Agora vamos.

O bruxo digitou algo no minúsculo teclado do relógio e ativou a bomba escondida no assoalho do carro. Não precisaria gastar seus encantamentos para sumir com aquele veículo, já que uma explosão era mais do que suficiente para apagar todos os vestígios. E se os elfos ou a polícia conseguissem checar o chassi, tudo o que encontrariam seria a “Mapinguari: Extermínio de Pragas Urbanas e Mágicas”, uma empresa de fachada controlada pelos kaiporas.

O grupo atravessou a rua em fila indiana e se distanciou do carro. Seguiram com velocidade até o muro mais alto que se podia ver. Ao contrário das outras casas, que exibiam cercas de marfim e madeiras brancas, com portais decorados com flores exóticas ou quintais abertos com alpendres expostos, a residência que eles pretendiam invadir era protegida por muros intransponíveis. Não havia nenhum tipo de entrada aparente, apenas um paredão negro e sólido, como que feito de rocha lisa ou mármore, e que se estendia por vários metros de altura.

O bruxo parou diante do muro e os soldados montaram guarda com os fuzis em riste. Ele abriu a mochila e tirou dela

um frasco com um líquido rosado e o que parecia ser um ramo de ervas secas, presas por uma fita dourada. Recitou uma oração inaudível e introduziu as folhas no frasco. Um chiado baixinho ecoou, enquanto os homens posicionavam os dedos sobre os gatilhos.

— *Inumene nutari oanã uike ocape* – ele disse, enquanto usava o ramo impregnado pelo líquido para desenhar um símbolo no muro.

O chiado tornou-se mais intenso e um brilho etéreo tomou o ambiente, espalhando a mesma coloração rosada pelo ar. O desenho no muro ardia como fogo, crepitando, mas fazia o efeito contrário, como se consumindo toda a luz que não emanava de si. Por fim, expandiu-se e formou uma larga passagem onde antes havia apenas solidez.

— Entrem – sussurrou o bruxo.

Um a um, os homens se jogaram no portal e desapareceram. O bruxo foi o último a entrar. Quando o brilho desapareceu e seus olhos se acostumaram com o novo ambiente, ele se viu em um pátio amplo. Mesmo à luz da lua, a grama era a mais verde que ele já tinha visto. Havia árvores frutíferas por todos os lugares, no que parecia ser um pomar. Algumas frutas pareciam exalar luz própria e o cheiro no ar era doce e acalentador. Ao longe, por entre as árvores, havia um pequeno riacho de águas cristalinas, que contornava um edifício faraônico.

O bruxo apontou para frente e os homens começaram a caminhar, atentos a cada pequeno ruído. Quando alcançaram o objetivo, contemplaram a construção. Era uma casa, já que todos sabiam que uma família de Altos Elfos morava ali, mas não havia nada externo que indicasse uma habitação. A arquitetura, porém, deixava claro que era obra de artífices e engenheiros élficos. Era sublime como um templo, mas sólida com uma fortaleza. E as formas pontiagudas dos adornos, espalhados pelas

paredes angulares e pelos telhados coloridos evocavam medo nos homens. Um medo que nenhum deles sabia explicar.

Ainda ocultos pelas árvores do extenso pomar, os soldados contornaram a casa e seguiram para os fundos, onde dois elfos mantinham guarda, armados com submetralhadoras. Eles riam e conversavam desatentos, enquanto fumavam vapores. Era óbvio que não estavam preocupados com uma possível invasão. Os soldados, por sua vez, estavam prontos para agir, ainda que seus corações estivessem tomados pela incerteza.

Apenas o bruxo sabia que, em poucos minutos, nada mais faria diferença. Aquela não era a primeira vez que ele adentrava aqueles muros. Já havia tentado invadir aquela casa outras sete vezes, com equipes diferentes. Todas as tentativas falharam e todos os homens e mulheres que o acompanhavam foram brutalmente assassinados. Elfos não negociam e não fazem prisioneiros.

O bruxo sentiu suas retinas queimarem. Antes que as chamas se espalhassem, porém, fechou os olhos, respirou fundo e tentou controlar suas emoções. Não poderia chamar a atenção para si naquele momento. Os soldados estavam protegidos pelos óculos de visão noturna, mas ele estava exposto. Sua verdadeira natureza gerava repulsa nos elfos e tornava o revide ainda mais brutal. Então era melhor agir rápido.

Os soldados atiraram e os dois elfos desabaram. Os silenciadores abafaram o som dos tiros, mas a audição dos elfos era aguçada e não levaria muito tempo até que mais guardas chegassem. Os homens avançaram, saltaram sobre os corpos e subiram as escadas que davam acesso à varanda. Porém, antes mesmo que pudessem terminar aquele curto percurso, um rugido infernal rompeu o silêncio da noite.

— Corram! – o bruxo gritou, mas já era tarde.

O felino que saltou de dentro da casa era duas vezes

maior do que um cavalo de guerra. Seus pelos rubros dançavam no ar e despencavam como cascatas de luz, enquanto ele despedaçava o primeiro soldado com suas presas. O animal era todo dentes e garras. Não precisava de mais de um ataque para reduzir cada um dos invasores a um amontoado disforme de carne e sangue.

“É um shall”, o bruxo pensou. “Deus! Por que tem um shall aqui?”

Não havia motivo para revidar. O bruxo girou nos calcanhares e disparou para o local por onde havia entrado, enquanto a criatura devorava mais um soldado. Ele sabia que nenhuma força na terra poderia combater um shall faminto. Muito menos ele. Em minutos, todos os seus soldados estariam mortos. Tudo o que podia fazer, se quisesse sobreviver, era fugir.

Correu tanto quanto conseguiu. Alcançou o muro e desenhou o símbolo com o líquido e as ervas, mas dessa vez não foi tão caprichoso. Recitou a oração e aguardou enquanto o portal se abria. Os segundos pareciam horas. Quando finalmente atravessou, ouviu um rugido e sentiu uma dor profunda. Tão profunda que só poderia significar morte. Suas forças desapareceram. Ainda assim, conseguiu se projetar para frente e cair do lado de fora, no mesmo instante em que a passagem se fechou, com um chiado agudo.

O bruxo olhou para o ombro direito e viu quatro cortes profundos, feitos por garras afiadas. O som ensurdecedor de um alarme ecoou, enquanto todas as luzes das casas se acendiam, numa sincronia improvável. Avistou o carro e tentou correr até ele. Antes mesmo que conseguisse atravessar a rua, uma explosão o jogou de volta para o ponto de partida. Sua cabeça se chocou com o muro e ele sentiu as pernas fraquejarem. Tinha se esquecido da bomba.

“É melhor morrer de uma vez”, pensou.

E enquanto se entregava ao destino inexorável, o bruxo ouviu um ruído familiar. Tentou afastar-se do muro e o observou enquanto um fio de luz rosada desenhava símbolos desconhecidos na superfície enegrecida.

“Eles estão abrindo pelo lado de dentro.”

A ironia era tão grande que ele quase sorriu. Eles nunca tinham saído, em todos os outros ataques. Os elfos nunca se importaram com nada. Mas agora, que ele estava prestes a morrer, eles decidiram abandonar a segurança da casa e procurá-lo. Justo agora, que ele não tinha forças para reagir. Ainda tinha alguns encantamentos, mas eles não seriam úteis contra o shall.

A morte rondava, mas ele não queria morrer daquela maneira. Não queria ser devorado por um demônio encarnado, muito menos queria ser fuzilado por um batalhão de elfos. Tudo o que queria era voltar para casa. A cidade dos anões, que ele tanto odiava, agora parecia o paraíso prometido.

Fechou os olhos e aguardou. Estava pronto para morrer.

Mas então ouviu a voz.

— Levante-se!

Ela soava alta e clara, mais audível do que nunca. Era como se estivesse na presença daquela doce senhora, enquanto os chiados do portal desapareciam. A voz que o convencera a invadir aquela casa. A mesma voz que, dias antes, jurou que ele mudaria o destino de todos os que viviam sob a tirania dos elfos. E a voz que, por ironia do destino, também pertencia a uma elfa.

— Levante-se, Aren! – disse a voz.

— Eu não consigo, minha senhora...

— Sim, você consegue. Eu estou com você.

— Eu não tenho forças...

— Levante-se agora. Eu sou sua força.

Como se estivesse sendo controlado por mãos invisíveis, o bruxo se levantou e cambaleou para longe do muro. Enquanto andava, abriu a mochila e revirou os objetos. Os cortes no braço latejavam, mas a vontade de viver agora era maior. Os símbolos no muro se completaram e dezenas de elfos saltaram para fora da passagem que se abriu. O shall veio logo em seguida. Seus pelos estavam banhados de sangue e ele parecia satisfeito com o próprio trabalho. Tivera um banquete digno de reis, mas sua fome não tinha fim.

O bruxo misturou os ingredientes de dois frascos e esperou até que eles se transformassem em um líquido azul brilhante. Depois juntou as mãos e recitou uma oração antiga. Então sacudiu o frasco algumas vezes, o abriu e bebeu todo o conteúdo. O cheiro, ainda que imperceptível até mesmo para um elfo, chamou a atenção do shall.

O felino correu até o homem e o atacou. Mas, quando os dentes se chocaram uns com os outros, atingindo apenas o ar, o bruxo já estava do outro lado da cidade.

GOSTOU DO CONTEÚDO?

Você acabou de ouvir o primeiro capítulo do livro Ondas da Destruição, de Matheus Prado. Se você gostou desta prévia, considere conhecer o portal **Mundo Lendário**, nosso website oficial. Acesse **www.mundolendario.com.br** e tenha acesso a muitos conteúdos sobre o universo do livro Ondas da Destruição.

Lá você encontra notícias sobre os lançamentos, entrevistas com o autor e artigos sobre os povos e raças, as cidades, os sistemas políticos e muito mais. Você também pode se cadastrar e criar um perfil para ter contato com outros leitores da série, participar de Quests e receber nossas principais notícias em primeira mão.

Siga nosso perfil no **Instagram**
@omundolendario